

FRANKLIN MARTINS



de Brasília

Azeite na máquina

• De seu apartamento no Hospital Sírio e Libanês, na capital paulista, o ex-prefeito Paulo Maluf está fazendo o possível e o impossível para convencer o país — e mais especificamente os 513 deputados federais — de que a cirurgia na próstata não extirpou também suas chances de ser o próximo presidente da República, sucedendo a Fernando Henrique Cardoso em janeiro de 1999. Maluf é um lutador. Tiremos o chapéu para ele.

Primeiro, por sua coragem na luta contra uma doença terrível. Segundo, por ter corrigido rapidamente o erro de tentar esconder da opinião pública que o objetivo da cirurgia fora extrair um tumor maligno. Se insistisse na versão original, Maluf certamente sairia do hospital derrotado — não pela doença, mas pela trapalhada e pela mentira. Terceiro, por ter assumido de forma incontestada a chefia da oposição.

Maluf mostrou que, mesmo doente, tem mais energia para lutar contra o projeto de reeleição de Fernando Henrique do que os outros candidatos ao posto de comandante da oposição. Itamar Franco, antes tão loquaz, parece que, depois de ouvir o canto de alguma se-reia, dessas que passam férias em Fernando de Noronha, calou-se bem calado, em português e inglês, no Brasil e nos Estados Unidos. Leonel Brizola não tem mais bala na agulha para arrancar paixões ou provocar assombrações.

Já Lula e o PT andam jururus, pelos cantos. O primeiro parece que perdeu a alma depois que pediu aposentadoria especial como perseguido político, alegando ter tido a carreira de torneiro mecânico cortada pela ditadura militar. O segundo, no momento, está paralisado pela denúncia de que seu secretário-geral, Candido Vacarezza, esteve encostado meses a fio no gabinete de um vereador paulista do PPB, ganhando sem trabalhar.

Se o PT estivesse cheio de gás, como nos bons tempos, certamente passaria por cima da esquisitice da aposentadoria de Lula e do vexame da colocação-fantasma de Vacarezza, e entraria com tudo na briga. Mas o partido vai mal das pernas. Está na oposição mais por vício e dever de ofício do que por programa, mais por bronca do que por esperança.

Ninguém sabe ao certo hoje o que pensa o PT. Quem consegue explicar, por exemplo, por que os petistas no Congresso votaram contra a emenda constitucional que concentra os recursos públicos na educação fundamental, aquela a que efetivamente tem acesso os filhos dos trabalhadores? Quem explica ainda por que votaram contra a CPMF, um imposto que, incidindo sobre as operações financeiras e a classe média, aumenta as verbas para a saúde pública, velha reivindicação da esquerda? Durma-se com um socialismo desses. Esperemos que o escaler das gestões municipais bem-sucedidas seja capazes de recolher os náufragos da nau à deriva, recomponha o ânimo da tripulação e dê rumo à viagem. Afinal, se a alma não é pequena, que importa se o mar é desconhecido! Navegar é preciso. Viver ou aposentar-se não é preciso.

Se o PT está sem programa, Maluf está com o discurso pronto. Basta ouvi-lo: o Plano Real é um sucesso, o Governo

foi extremamente feliz na primeira fase do combate à inflação e está de parabéns, mas, de uns tempos para cá, enredou-se em esquemas rígidos que estão impedindo o Brasil de crescer no ritmo que precisa. É preciso mexer no câmbio e baixar os juros para ativar a economia e gerar mais empregos. É um discurso inteligente: não se choca com o maior trunfo de Fernando Henrique, o Plano Real, e investe contra o seu ponto mais fraco, a lentidão na retomada do desenvolvimento. É um discurso para o empresário asfiziado com juros, para a classe média que se sente, ao mesmo tempo, mais segura e mais pobre com a estabilização da economia, e para a classe operária tradicional, assustada com a possibilidade de perder o emprego.

É um discurso redondo, com princípio, meio e fim, bom o bastante para erguer um respeitável palanque eleitoral. Com ele, dá para Maluf levantar-se da cama do hospital e meter o pé na estrada. Desde que, é claro, o Congresso rejeite a emenda que autoriza Fernando Henrique a disputar a própria sucessão. Por isso mesmo, derrotar a emenda é a tarefa número um de Maluf. O problema é que esta batalha tende a ser travada este mês, justamente quando ele preso em casa, em convalescença. Quais são suas chances de vitória? Aumentaram ou diminuíram com a doença?

Maluf diz que o Governo tem hoje, no máximo, 250 votos a favor da reeleição, quando precisaria de 308 para aprovar a emenda na Câmara. Já o Palácio do Planalto apregoa que tem o apoio de 320 deputados. Todos estão chutando um pouco, mas Maluf está chutando mais do que o palácio. A menos que os articuladores políticos do Governo façam uma grande besteira — e esse hipótese, a julgar pelo retrospecto da turma, não deve ser desprezada — a reeleição deve passar. Já passaria antes da cirurgia de Maluf. Passará com um mais de facilidade agora. A engrenagem já estava em movimento. As novas circunstâncias apenas a azeitaram.

Há hoje cerca de 300 deputados favoráveis à emenda e uns 160 contrários. O restante está no muro que pediu a Deus. Tende a ficar com o Governo, desde que tenha seus pleitos atendidos. É normal que esses 50 deputados demorem a aderir. O jogo duro no começo faz parte do ritual de negociação, da mesma forma que, na fase final, é normal que as adesões ganhem enorme velocidade. O Planalto está penando para chegar aos 308 votos, mas, quando aproximar-se dessa barreira, pode abrir uma grande folga. Ninguém na turma do muro vai querer ficar na contramão da vitória. Para essa gente, o charme do poder é irresistível, ainda mais um poder com seis anos pela frente.